

Solução para dívida pode estar próxima

JORNAL DE BRASÍLIA

Caracas — A possibilidade de que os Estados Unidos e a Europa ocidental atendam por fim aos apelos de ajuda da América Latina em torno da principal ameaça de seus governos democráticos, a torturante dívida externa, começou a ser vislumbrada esta semana em Caracas.

O vice-presidente norte-americano Dan Quayle deixou entrever a possibilidade de abertura de um novo caminho — descartando totalmente a figura do clube dos devedores — ao assinalar que o Plano Baker seria revisto pela nova administração de George Bush, durante um encontro com o presidente José Sarney, o maior devedor do terceiro mundo.

A dívida externa regional, estimada em 410 bilhões de dólares, foi um dos temas dominantes nos encontros de chefes de estado latino-americanos, europeus e com o próprio Quayle, reunidos esta semana em Caracas para assistir a posse do presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez.

Uma fonte diplomática norte-americana disse que Quayle admitiu a tese de que a dívida é a principal ameaça para as democracias da região, ao reunir-se com o presidente peruano Alan Garcia, mas disse que poderiam se passar muitos anos até encontrar uma solução aceitável para todos.

Definições

Enquanto Pérez proclamava que já estamos “no tempo de chegarmos a definições políticas que resolvam de forma permanente a crise da dívida”, ao assumir na última quinta-feira, pela segunda vez, a presidência da Venezuela ante 24 chefes de estado. Pérez propõe um diálogo sobre a questão com Washington, através do Grupo dos Oito (G-8: Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru, Uruguai, Venezuela e Panamá) para encontrar com a administração norte-americana uma nova fórmula para o problema. O presidente venezuelano também propôs negociações semelhantes com a Europa ocidental e Japão, para chegar a um consenso no ocidente.

Defesa

Já o primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez — seu país

ocupa agora a presidência da CEE — defendeu o diálogo e uma posição unida dos governos latino-americanos para encontrar uma saída, ao declarar que a Europa poderia tomar partido por eles. O líder espanhol chegou até mesmo a apresentar um projeto: combinar o valor real da parte principal da dívida com seu valor nominal no mercado secundário para saber seu montante real e conformar um pacote com prazos de pagamentos, período de carência e taxas de juros seguras para os devedores.

Seu plano contrasta com o de Pérez, que apoiou em Davos (Suíça) a criação de um organismo multilateral que adquira a dívida no valor do mercado secundário.

De Washington chegou outra notícia interessante para as aspirações latino-americanas, ao fim da reunião de ministros de finanças e diretores de bancos centrais dos sete grandes países industrializados (G7): foram examinadas “várias opções” sobre a dívida do terceiro mundo apesar de não ter sido adotada nenhuma decisão.

Para os governos latino-americanos o estudo de novas opções de saída para a dívida por parte dos industrializados constituiu uma “novidade estimulante” frente a sua posição férrea anterior e uma prova de que “os tempos estão mudando definitivamente”, disse um diplomata.

O presidente equatoriano Rodrigo Borja expôs em Caracas os dramáticos malefícios da dívida externa: a região transferiu nos últimos seis anos 150 bilhões de dólares, o que significa que os países latino-americanos e caribenhos perderam mais de 20 bilhões por ano. Para ele, “é urgente encontrar mecanismos que revertam esse fluxo de recursos”.

Carlos Andrés Pérez, por sua vez, insistiu no fato de que os países latino-americanos “têm que juntar nossos medos” para nos apresentarmos unidos ao diálogo com os Estados Unidos. Já o chefe da agência latino-americana da Comunidade Econômica Européia (CEE), Oitaliano Luigi Boselli, disse que a unidade em torno da dívida é fundamental para que a CEE atenda suas propostas.